



Crono e o complexo paterno

Malena Segura Contrera

Resumo: O presente artigo trata das relações entre o mito grego de Crono e o Complexo Paterno pela ótica da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. Lançando um olhar fenomenológico sobre o mito, o texto apresenta uma reflexão acerca de como o mito pode ser visto como metáfora dos processos psíquicos, auxiliando-nos a melhor compreendê-los por meio de sua estrutura narrativa e de seu poder simbólico milenar.

Palavras-chaves: Crono. Complexo paterno. Mito. Psicologia analítica.

Chrono and the paternal complex

Abstract: This article deals with the relations between the Greek myth of Cronos and the Paternal Complex by the optical Analytical Psychology of Carl Gustav Jung. Launching a phenomenological look about the myth, the text presents a reflection about how the myth can be seen as a metaphor of the psychic processes, helping us better understand them through its narrative structure and its age-old symbolic power.

Keywords: Crono. Paternal complex. Myth. Analytical Psychology.

O que não nos destrói nos torna mais fortes'. Temos, então, a espada de dois gumes do ferimento. Existem feridas que comprimem a alma, distorcem e orientam mal a energia vital, e aquelas que nos instigam a crescer (HOLLIS, 1997, p. 85-86).



Sobre o mito

As mitologias do mundo todo resultam de um longo trabalho de imaginação, de criação e recriação de histórias e personagens representativos dos processos psíquicos e culturais da humanidade. C. G. Jung reconhece a centralidade do mito para a humanidade quando, por exemplo, diz:

Eles (os mitos) não apenas representam, mas são a vida psíquica da linguagem primitiva e, uma vez perdida a herança mítica herdada dos antepassados, essa linhagem desmancha-se e sucumbe, assim como um homem que perdeu sua alma. A mitologia de uma linhagem é sua religião viva. Sua perda representa sempre, mesmo no caso do homem civilizado, uma catástrofe moral (JUNG, 2000, p. 156).

Jung aqui ressalta o fato de que o mito não é apenas válido para as culturas arcaicas, mas continua válido para o homem civilizado, como resultado de autênticas produções da psique coletiva.

As potencialidades dos mitos não são reveladas por meio de uma interpretação literal e lógica, é preciso ir ao mito com o olhar poético, com o pensamento metafórico. J. Campbell dizia:

Como os sonhos, os mitos são produtos da imaginação humana. Suas imagens, em consequência, embora oriundas do mundo material e de sua suposta história, são, como os sonhos, revelações das mais profundas esperanças, desejos e temores, potencialidades e conflitos da vontade humana [...] ou seja, todo mito, intencionalmente ou não, é psicologicamente simbólico. Suas narrativas e imagens devem ser entendidas, portanto, não literalmente, mas como metáforas (CAMPBELL, 1991, p. 49-50).

O caráter metafórico dos mitos, apontados aqui por Campbell, revela a sua natureza simbólica; o mito é impossível de ser decifrado, entendido racionalmente por completo. É da natureza do mito possibilitar uma incrível complexidade e diferentes níveis de aprofundamento na leitura, favorecendo a emergência de novos sentidos de acordo com o trabalho psíquico de quem com ele se depara. Ler um mito é ir desdobrando pouco a pouco uma flor de mil pétalas, tendo-se a impressão de que nunca se chegará à última.

Fritjof Capra, ao falar do conceito de “padrão que une”, proposto por G. Bateson, nos diz algo especial sobre essa estrutura metafórica da construção dos textos vivos, mas que se aplica perfeitamente bem aos textos da cultura, entre os quais podemos incluir os textos míticos:



Como as relações são essência do mundo vivo, Bateson sustentava que seria melhor usarmos uma linguagem de relações para descrevê-lo. É isso que as histórias fazem. As histórias, dizia ele, são um caminho excelente para o estudo das relações. O importante numa história, o que é verdadeiro nela, não é a trama, os objetos ou as personagens, mas as relações entre tais elementos. Bateson definia uma história como um ‘um conjunto de relações formais espalhadas no tempo’ (CAPRA, 1993, p. 65).

Os padrões míticos, arquetípicos, seguem entrelaçados aos padrões pessoais, e não é raro ver nas histórias de vida contadas nos consultórios, tanto quanto nas notícias dos jornais, imagens e padrões facilmente reconhecidos por quem trabalha com os mitos. O contrário também acontece, o terapeuta acostumado com as histórias de seus pacientes assombra-se ao reconhecer nos mitos a universalidade das questões humanas. A alma arcaica do mundo e a alma individual conversam muito mais do que inicialmente poderíamos julgar.

Por isso os mitos são instrumentos tão maravilhosos para a compreensão da alma humana, da psique que se revela nos consultórios, nos sintomas, nos acasos, nas ruas.

Vejamos agora com que metáforas a cultura grega (e depois sua herdeira, a romana) cria representações para o tempo e seu caráter ambíguo devorador/construtor, quando falam da figura de Crono¹, e como essas representações míticas continuam sendo significativas para a compreensão do Arquétipo do Pai e do Complexo Paterno.

CRONO – o princípio estruturante e limitante

Crono - conhecido como o Senhor do Tempo, da Morte e do Destino - desempenhou um papel muito significativo nos mitos gregos da cosmogonia, mas nem sempre exerce um efeito que consideramos muito agradável, já que ao falar de devoração e morte todos franzem as testas, para não dizer do horror que nossa época nutre pela ideia de envelhecimento e da dificuldade na qual nos vemos envolvidos quando estamos às voltas com o conceito de tempo, bem como com as noções de limites e fronteiras. Não à toa, o sociólogo Zygmunt Bauman escolhe chamar nossa época de “mundo líquido”, uma noção que foi tão bem acolhida por, de certa forma, propor uma imagem de um estado de liquidez que se contrapõe à noção de estrutura, de limites.

¹ A versão do mito de Crono utilizada neste texto foi a apresentada no livro *Mitologia Grega* (BRANDÃO, 1990).



Nos mitos gregos da criação do universo, Crono aparece como aquele que, com a foice que carregava o símbolo do semicírculo da lua crescente, e que lhe fora dada por sua mãe Gea (a Terra), castra seu pai, Urano (o Céu), depondo-o porque ele repudiava os filhos que tinha com Gea, devolvendo-os ao seu útero. Urano os rejeitava por achá-los imperfeitos e por temer que algum deles depusesse seu poder, o que se pode compreender se considerarmos que Urano representa o céu, um lugar que o homem não habita, uma abstração feita de uma natureza muito diversa da natureza biológica terrestre. Brandão (1990, p. 198- 9) assim o apresenta:

Se, na realidade, *Krónos*, Crono, nada tem a ver etimologicamente com *Khrónos*, o Tempo, semanticamente a identificação, de certa forma, é válida: Crono devora, ao mesmo tempo em que gera; mutilando a Urano, estanca as fontes da vida, mas torna-se ele próprio uma fonte, fecundando Réia. O fato é que Urano, tão logo nasciam os filhos, devolvia-os ao seio materno, temendo certamente ser destronado por um deles. Gea então resolveu libertá-los e pediu aos filhos que a vingassem e libertassem do esposo. Todos se recusaram, exceto o *caçula*, Crono, que odiava o pai. Entregou-lhe Géia uma *foice* (instrumento sagrado que corta *as sementes*) e quando Urano, "ávido de amor", se deitou, à noite, sobre a esposa, Crono cortou-lhe os testículos. O sangue do ferimento de Urano, no entanto, caiu todo sobre Géia, concebendo esta, por isso mesmo, tempos depois, as Erínias, os Gigantes e as Ninfas Melíades. Os testículos, lançados ao mar, formaram, com a espuma, que saía do membro divino, uma "espumarada", de que nasceu Afrodite. Com isto, o caçula dos Titãs vingou a mãe e libertou os irmãos. Com a façanha de Crono, Urano (Céu) *separou-se* de Géia (Terra). O Titã, após expulsar o pai, tomou seu lugar, casando-se com Réia. Dois pontos básicos devem ser ressaltados no episódio de Crono e Urano: a castração do rei e, em consequência, sua separação da rainha. "A castração de Urano põe fim a uma longa e ininterrupta procriação, de resto inútil, uma vez que o pai devolvia os recém-nascidos ao ventre materno".

Crono é sentido como um deus cruel porque representa a nossa dificuldade em lidarmos com as fronteiras, sejam elas concretas ou simbólicas, e geralmente o percebemos como assustador, apesar de ter sido ele, na versão mítica, o viabilizador da concretização material da vida na Terra, o responsável mítico pela sobrevivência dos seres-frutos do casamento da Terra com o Céu, linhagem da qual parte tudo que vive por aqui.

E é aqui que esbarramos com sua importância e seu sentido mais profundo: Crono é, de certa maneira, o guardião do portal temporal que nos cabe atravessar a cada novo dia, a cada nova semana, a cada novo fim de ciclo. Ele põe em jogo nossas angústias frente aos rituais de passagem, à necessidade que temos de, a cada nova crise, reorganizarmo-nos para sobreviver à nossa própria complexidade, como bem coloca Morin (1988); ele põe às claras a crise de nosso paradigma cultural quanto à noção de tempo, e sua incapacidade de lidar com o



fim e com a morte, e, sobretudo, incomoda uma constituição egóica inflada, um ego que gosta de pensar em si mesmo como imortal, ilimitado, irrestrito.

Muitos são os sintomas manifestos na cultura quando tratamos desse deus. Mas a questão central para nossa abordagem é a de que Crono constela o arquétipo do Pai.

Crono - o Senex

O tema de Crono toca diretamente a questão da força e da importância da dinâmica arquetípica na Psicologia Profunda de C. G. Jung e toca também diretamente na dinâmica Senex-Puer. Crono representa comumente o Senex, mesmo que a complexa relação, de um lado com o pai Urano, e de outro com o filho Zeus, traga nuances e momentos em que os papéis se invertem brevemente. Quando Crono castra o pai e o depõe, inaugurando um novo estado de coisas, sua ação pode nos remeter ao impulso criativo do Puer, à sua força irruptiva, bem como é bastante pueril sua cumplicidade com a mãe, Gea, que é quem lhe dá a foice com a qual Crono castrará o pai.

No entanto essa passagem traz uma dinâmica que poderíamos associar ao puer de forma bem pontual, e não há no desenrolar posterior da narrativa de Crono outra passagem que nos faça perceber nele a ação do puer. Já sua identificação com uma atitude que remete ao Senex é clara e permanece a tônica de toda a narrativa.

Não nos estenderemos aqui na dinâmica Senex-Puer (que poderia ser relacionada à relação Crono-Zeus) porque ela é objeto de uma reflexão própria, que extrapola o objetivo deste texto, que é a apresentarmos a relação entre Crono e o Complexo Paterno. Nesta reflexão só nos interessa apontarmos a associação de Crono ao Senex, sugerindo que o estudo desse ponto complementa, de certa forma, a questão que aqui apresentamos.

O complexo paterno

Para compreender o Complexo Paterno temos de levar em consideração que ele tem suas raízes profundas em algo que transcende a esfera da psique individual, que ele se forma a partir do Arquétipo do Pai. “Os mitos paternos revelam ao investigador da psicologia os modelos simbólicos de pai que foram construídos na civilização ocidental e que dirigem inconscientemente a conduta da paternidade.” (FARIA, 2006, p. 46).



O arquétipo possui sempre uma dinâmica de luz e sombra, os opostos compõem o arquétipo e é preciso reconhecer esses polos para poder assimilá-los num todo integrado. O fato de que algo possa ser uma coisa e o seu oposto ao mesmo tempo é o modo pelo qual operam as produções imaginárias arcaicas e é o processo pelo qual a psique elabora a união dos opostos dentro do Complexo. Claude Latry (1995) afirma que:

O complexo tem sempre por centro uma experiência afetiva suficientemente forte para constituir um núcleo que se tornará como um ímã diante das experiências com as mesmas cores afetivas. As experiências da mãe e do pai são suficientemente fortes para acionar a criação destes complexos.

O mito de Crono traz em sua origem Urano, seu pai. Urano não reconhece os filhos como dignos de serem seus, ele os devolve ao útero de Gea, como se não fossem dele, como se não tivesse nada a ver com esses filhos. O mito traz uma situação arquetípica da negação da natureza concreta da vida, da dimensão material do mundo, mas se trouxermos esse comportamento para a esfera das relações pessoais, não é difícil identificar a atitude de alguns pais que não reconhecem a própria paternidade, lançando seus filhos aos cuidados exclusivos da mãe, como se eles não tivessem nada a ver com os cuidados e as responsabilidades advindas da paternidade.

De certo modo, já Urano apresenta um quadro que nos convida a refletir sobre as formas de vivenciar o Complexo Paterno, a partir de uma ação na qual conseguimos ver a atitude de alguns pais que não tomaram para si os filhos, gerando uma situação familiar na qual a mãe é a única a assumir seu papel. Essa situação, não muito rara aqui no Brasil, até mesmo por conta de condições sociais adversas, tem de ser considerada na análise de como se dá a ruptura da relação simbiótica psíquica do filho com a mãe (princípio urobórico), na qual a ação paterna desempenha papel fundamental².

Na esfera da experiência humana, é o pai (ou quem exerce a paternagem) a primeira figura de alteridade da criança, na medida em que a presença do pai, sentido como um outro em relação ao vínculo simbiótico mãe-bebê, convoca a criança a ir testando sua elasticidade em direção à diferenciação com a mãe, à construção de sua própria identidade e maneira de estar no mundo. Por isso a ausência do pai, seja ela física ou comportamental, pode gerar

² Uma boa reflexão sobre esse processo de desenvolvimento da consciência e da separação psíquica dos pais primordiais é apresentada por Erich Neumann, no livro *História da Origem da Consciência* (1999).



problemas no processo da emancipação da criança do reino da Grande Mãe, que sempre é matizada e mediada pela mãe pessoal.

A ausência do pai pode ainda favorecer o fracasso da experiência de humanização do arquétipo do Pai e cristalizar a psique no conflito estabelecido pela oposição própria das polaridades do arquétipo, desenvolvendo a tirania do eu. Essa é a dinâmica do Complexo Paterno que constela o pai tirano, fora e dentro da psique.

Crono, ao depor o pai e resgatar do útero de Gea os irmãos rejeitados, propõe uma atitude diferente frente à dimensão material do mundo. Sua ação, separando Céu e Terra (Urano e Gea), o situa também como um deus da separação dos pais primordiais, ou seja, o coloca como um iniciador no caminho da consciência, um elemento importante na estruturação do ego individual, agindo por meio da falta para despertar a consciência. Por isso também ele é muitas vezes associado à culpa, à noção que às vezes se tem de que a falta é uma espécie de punição oriunda da culpa. Os mitos universais trazem abundantes casos da punição dos deuses, de como eles não perdoam o movimento transgressor da consciência.

Seguindo com a narrativa de Crono, com medo de que se cumprisse a previsão de que ele seria deposto por um filho da mesma maneira que depôs seu pai, Crono passa a devorar todos os filhos assim que eles nascem. Ao proteger Zeus de ser devorado por Crono, sua esposa Réia o esconde e o entrega aos cuidados do centauro Quíron e à cabra Amaltea, que é considerada uma das versões do próprio Crono. Assim, é como se o lado luminoso do arquétipo do Pai (Amaltea) protegesse o filho do lado devorador e sombrio. Crono devora, mas ele também cuida, e faz crescer. A ação que ceifa, que cerceia, também é a ação que estrutura, que dá limites necessários. Essa é a ambivalência do arquétipo vivenciada nas relações com o pai e que constituem também o Complexo Paterno.

Zeus cresce, fortalece-se e castra Crono, para depô-lo e ocupar seu lugar de poder, assim como aquele fizera com seu pai, Urano. Esse ciclo de castração e tomada de poder simboliza tanto a esfera da renovação temporal e cíclica do poder social masculino, presente na mitologia universal, como o papel da castração simbólica que favorece o movimento psíquico de maturação, evitando que a psique infantil cristalize-se no narcisismo e no egocentrismo.



Sabemos que o processo de aceitação dos limites para a fantasia de onipotência pueril que temos é fundamental para a estruturação saudável do ego, e as interdições de toda a espécie são da esfera de Crono, do Senex.

O pai é o agente da lei, tanto social, quanto familiar e pessoal. Mas aqui é preciso que se entenda lei como princípio de organização por meio da regularidade, como elemento constitutivo da psique, e não apenas como um ditame arbitrário.

James Hillman (1999), ao tratar da dinâmica Senex-Puer, ajuda-nos a entender, no entanto, que a ação do Senex, representado por Crono, tem de ser equilibrado e alternado com a ação do Puer, representado no mito por Zeus. A continuidade da leitura do mito, que recomendamos para ampliar a reflexão sobre o tema, nos revelará um Zeus que não nega seus filhos, que propõe um maior equilíbrio entre uma atitude limitadora, por um lado, e protetora, por outro. Zeus terá uma imensa prole com diferentes deusas e humanas, e com estas últimas povoará a terra de semideuses que ele protegerá das investidas do ciúmes de sua esposa Hera.

Zeus é o deus dos deuses do ciclo olímpico, e é associado aos fenômenos celestes, ao raio e ao trovão. É um deus da luz, entre outros poderes; da luz que desce dos céus e atinge os homens, iluminando-os, revelando ou então fulminando, o que nos leva a associá-lo necessariamente aos processos da consciência.

Crono pode ser constelado como o Complexo Paterno negativo no aspecto do pai rígido, que mais cerceia, critica e recrimina do que cuida e nutre propriamente, como poderíamos identificar em Zeus. Presos desse aspecto sombrio, as pessoas que apresentam esse quadro carecem dos aspectos luminosos do Puer, da força criativa, da alegria, da leveza, da flexibilidade necessária para acolher as diversas manifestações da vida.

Temos de ressaltar que, para além da força do arquétipo do Pai, que como arquétipo é uma representação coletiva arcaica, e também para além da relação concreta entre pai e filho, o risco da possessão do Complexo Paterno negativo é a introjeção dos modelos que essa relação pai-filho ofereceram à psique do indivíduo, ou ainda a identificação pessoal patológica com o arquétipo.

Não podemos nos esquecer de que há um elemento arquetípico no Complexo Paterno, e de que há também a modelagem que a própria relação pessoal entre pai e filho oferecem, mas há, acima de tudo, a maneira pela qual a psique escolhe lidar com essas forças, de forma



mais ou menos criativa, mais ou menos equilibrada, triunfando sobre o risco das polarizações extremas, ou gerando quadros de fixação em padrões estereotipados e sombrios.

Quando o Complexo Paterno se constela fortemente sob a ação de Crono, o risco é de que haja um mundo interior repleto de regras, leis e limites rígidos que afastam o indivíduo da relação com o princípio feminino vital, que o alienam do próprio corpo e das vivências sensoriais nutritoras. “Excesso de amor” pelo pai sempre implicará em “falta de amor” pela mãe e em depreciação de todo o universo feminino que essa mãe representa. O risco está justamente na incapacidade de gerar a necessária união dos opostos, tanto na dinâmica Senex-Puer quanto na dinâmica masculino-feminino.

O complexo paterno e a psique feminina

Quase tudo que estivemos apresentando até agora torna possível compreender melhor como o Complexo Paterno pode afetar a psique masculina, tanto na construção da identidade quanto no exercício direto da própria paternidade. Já a compreensão de como esse complexo se configura na psique feminina requer uma maior atenção à relação que Jung propõe entre ele e as constituições e manifestações do ânimus na mulher. Sobre essa relação temos que: “Sendo dominada pelo Complexo Paterno, a mulher, além de estar visivelmente ligada ao pai, tem um referencial masculino definitivamente vinculado a ele, e o seu ânimus será, portanto, a expressão desse complexo” (CHAGAS; CAMPOS, 2000).

Em casos extremos ou não, o fato é que o Complexo Paterno dará uma coloração especial ao ânimus de uma mulher, e, nesse caso, as experiências positivas ou negativas associadas ao pai pessoal terão um papel ainda mais central na configuração de seu ânimus.

Se relembrarmos ainda que o que configura o complexo é sua forte tonalidade afetiva, poderemos entender como esse quadro, de certa forma, irá influir nas relações afetivas que essa mulher irá estabelecer com seus parceiros homens. Presa no Complexo Paterno por adoração ao pai, ela será a “filha do pai”, e nenhum homem estará à altura de suas idealizações em relação ao masculino. Se o complexo que a aprisiona for derivado de experiências negativas com o pai, possivelmente os homens concretos com os quais ela se deparar em sua vida serão sentidos como ameaçadores, pouco confiáveis, e até mesmo violentos. A saída então será afastar-se deles inconscientemente (“não encontro ninguém”), escolher homens frágeis (“os homens são todos fracos”) ou viver às voltas com *bad boys*.



De qualquer maneira, presas na idealização de um homem perfeito, de um príncipe encantado, uma alma gêmea, ou ainda às voltas com os sofrimentos de recorrentes embates com os homens, as mulheres terão de lidar com o Complexo Paterno para caminharem em direção a uma relação mais criativa com seu próprio ânimo, e, conseqüentemente, em direção a uma relação mais equilibrada com os homens com os quais se relacionam.

Se lembrarmos da importância do casamento interior, da coniunctio, como apresentou Jung, para o processo de individuação, temos uma clara noção da importância de um trabalho terapêutico nesses casos.

É preciso lembrar ainda que Jung ressalta o aspecto intelectual que o Complexo Paterno assume em muitos casos: “Ocorreu-me que um outro tipo de Complexo Paterno tem, por assim dizer, um caráter ‘intelectual’, ou seja, da figura paterna partem afirmações, atos, tendências, iniciativas, opiniões etc., aos quais não se pode negar o atributo de ‘intelectual’” (JUNG, 2000, p. 212).

Essa afirmação de Jung será fundamental para compreender um dos aspectos das manifestações do ânimo na mulher: a intelectualidade, sua força de pensamento, a paixão pelos estudos e sua capacidade de foco e assertividade profissional. No entanto, constelado o Complexo Paterno sombrio, Crono mostrará sua face na rigidez de opinião, na atitude inflexível, na síndrome de “dona da verdade” e na frieza com a qual muitas mulheres agem reproduzindo o que de pior o patriarcado tem a oferecer.

Para essas mulheres, mais uma vez, o caminho a ser trilhado terá de seguir pela integração dos aspectos sombrios do Complexo, seguida pelo encontro com a própria força feminina e com a face luminosa da Grande Mãe.

Olhando para fora

As muitas maneiras que o patriarcado ocidental criou historicamente para inflacionar a energia do Arquétipo do Pai agiram sobre a sociedade de forma a se criar toda uma rigidez comportamental imposta ao homem que, dessa forma, não pode se mobilizar pelo afeto, nem pelos sentimentos, levando os homens a se afastarem das vivências do próprio corpo, alienando-os das possibilidades de integração psique-soma. E assim criou-se o pai tirano que não abraça, que não acarinha, que não chora, que não toca sequer nos filhos e, quando o faz, é em grande parte das vezes para machucá-los, discipliná-los. Esse pai é introjetado pelo filho



como aquela voz interior que o recrimina constantemente, que o desmerece, frente a qual nada que se faça será bom o bastante, ou terá sentido.

Esse processo, que é cultural, transforma o Arquétipo do Pai em estereótipo paterno, alimentando com sua dissociação e perda de complexidade, as manifestações destrutivas do Complexo.

Crono está em guerra com Réia, a terra, e sua obsessão pela manutenção do poder gerará apenas uma “terra desolada”, metáfora muito utilizada também no ciclo das lendas arturianas, nos romances de Cavalaria medievais. Quem não se lembra de todo o reino desértico como consequência da ferida e do adoecimento do Rei Arthur?

Esse processo foi adequado à criação de uma civilização obcecada pelo trabalho incessante e ofuscada pela ilusão do sucesso, em busca, enfim de um reconhecimento jamais alcançado. Nessa esteira, instaurou-se o capitalismo e o que Vilém Flusser chamaria de destruição sistemática da natureza, transformando-a em parque industrial.

Assimilar conscientemente e vivenciar os dois lados do Pai, o pai que protege, forte e poderoso, mas também o pai frágil, que possui defeitos e que não tem o poder de resolver tudo, que precisa de ajuda, é muito importante para que o indivíduo possa ver seu pai como um ser humano real, para além das idealizações que a emanção do arquétipo podem provocar.

A síntese necessária para não sucumbirmos à foice de Crono é apontada pelo processo de individuação na busca da coniunctio, e na superação dos traumas causados pelas experiências vividas com os pais pessoais, em busca de uma reconexão com os pais arquetípicos. Essa reconexão, porém, após Crono, não será mais o estado urobórico indiferenciado da psique, mas sim uma reconexão que se construirá sobre novas bases, de uma consciência expandida, em busca do próprio mito do sentido.



Enfim, para além do Complexo Paterno e do mito de Crono, talvez seja prudente refletirmos, com R. M. Rilke, acerca de nossa relação com as várias faces do deus-pai:

Que vais fazer, deus, se eu morrer?
Eu sou teu cântaro (e se eu me quebrar?)
Eu sou tua água (e se eu me estagnar?)
Eu sou teu hábito e sou teu ofício;
sem mim, tu perderias a razão de ser...

Depois de mim, não terás casa em que
palavras próximas e tépidas te acolham;
vai cair de teus fatigados pés
a sandália macia que sou eu.

Teu largo manto deixar-se-á cair.

Teu olhar, que com minhas faces eu
aqueço, como se com almofadas,
virá de longe a procurar por mim
- e ao pôr-do-sol se porá
no colo de estranhas rochas.

Que vais fazer, deus? Estou preocupado. (RILKE, 1993).

Referências

BRANDÃO, J. de S. **Mitologia grega**. São Paulo: Vozes 1990. v. 1

CAMPBELL, J. **A extensão interior do espaço exterior**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

CAPRA, F. **Sabedoria incomum**. São Paulo: Círculo do Livro, 1993.

CHAGAS, M. I. O.; CAMPOS, T. C. P. **O complexo paterno na psique feminina e a sua influência nos relacionamentos heterossexuais numa perspectiva da Psicologia Analítica**. 2000. Disponível em:

<<http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Psicologia/boletins/1/artigos8.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

FARIA, D. L. de Imagens do pai na mitologia. **Revista de Psicologia**, São Paulo, v. 15, n. 1, maio, 2006. Disponível em:

<<http://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/download/18095/13451>>. Acesso em: 15 maio 2015.

HOLLIS, J. **Sob a sombra de Saturno**. São Paulo: Paulus, 1997.

HILLMAN, J. **O livro do poder**. São Paulo: Paulus, 1999.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.



LATRY, C. O pai. In: SYMBOLON – Estudos Junguianos. Conferência de 26 de outubro de 1995, Annecy, França. Disponível em: < www.symbolon.com.br/artigos/opai.htm>. Acesso em: 15 maio 2015.

MORIN, E. **O paradigma perdido**. Lisboa: Europa-América, 1988.

NEUMANN, E. **História da origem da consciência**. São Paulo: Cultrix, 1999.

RILKE, R. M. **O livro de horas**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1993.

Malena Segura Contrera – Universidade Paulista | São Paulo |
Brasil. Contato: malenacontrera@uol.com.br

Artigo recebido em setembro 2015 e
aprovado em novembro de 2015.